

# **A SITUAÇÃO SOCIOECONÓMICA E A ESCOLHA PROFISSIONAL DE JOVENS BRASILEIROS**

**Alexsandra Machado Maffei**

Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Universidade Fernando Pessoa - UFP

Psicóloga

Centro Multidisciplinar de Pesquisa e Ação – CEMPA

[alexandramaffei@yahoo.com.br](mailto:alexandramaffei@yahoo.com.br)

**Resumo**

O referido artigo propõe-se discutir a respeito da escolha profissional de adolescentes, brasileiros, oriundos de diferentes estratos sociais. Abordamos a escolha profissional realizada na adolescência, em função de todas as alterações provocadas interna e externamente no indivíduo. Abarcamos, também, o acesso à educação, o qual é imensamente díspar para adolescentes pertencentes à classe abastada e à classe popular. Almejamos contribuir para a reflexão sobre as barreiras existentes, para que possamos transcendê-las.

**Palavras-chave**

Adolescência, escolha profissional, situação socioeconômica.

**Abstract**

The reported article proposes a discussion concerning professional choices of Brazilian adolescents from different social environments. We approach the professional choice made in adolescence according to all kinds of transformation, coming to the individual from internal and external aspects. We also embrace the access to education, which is immensely disproportional when linked to different financial conditions of the population. We long for contributing to a larger consideration about the present hurdles, in order to transcend them.

**Keywords**

adolescence, professional choice, social and economical situation.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de reflexões realizadas a partir da questão da escolha profissional, entre jovens brasileiros oriundos de diferentes estratos socioeconômicos. Pressupõe-se que a escolha profissional não ocorre da mesma forma para indivíduos de classe abastada ou de classe popular. Entretanto, percebemos que há uma tendência, entre o senso comum, em afirmar que sujeitos oriundos de um meio socioeconômico mais favorável têm mais possibilidades de escolha do que aqueles pertencentes a classe popular.

O propósito deste artigo é retratar como ocorre a escolha profissional entre sujeitos carentes e abastados, com base nas disparidades de oportunidades que o meio socioeconômico impõe às diferentes realidades.

Inicialmente discorreremos de forma a abordar como é ser adolescente hoje, e fazer uma escolha profissional, nos diferentes estratos sociais.

Optou-se por considerar alguns factores macroestruturais, tais como a educação brasileira e as condições de acesso à mesma. Abordamos, também, as disparidades económicas e a influência destas nas escolhas individuais.

Enfocou-se, também, a dificuldade do sujeito de classe popular conseguir especializar-se para o mercado de trabalho competitivo vigente, o qual exclui aqueles menos “aptos”.

Por fim, apresentamos a conclusão deste artigo, onde ressaltamos sobre a importância de considerarmos as peculiaridades sociais, históricas ou económicas, que permeiam a escolha profissional do indivíduo, pois, ao contrário, daremos margem para que a exclusão social, cultural e educacional continue fazendo vítimas.

## O ADOLESCENTE, O MEIO E A ESCOLHA

Procuramos desenvolver a concepção de adolescência como uma fase do desenvolvimento humano, que está em completa interação com o meio. O adolescente, hoje, está inserido num meio, que ora parece cheio de oportunidades, ora sem perspectivas de ingresso no mercado de trabalho. Além de lidar com toda turbulência típica da fase, este indivíduo precisa optar por seguir uma profissão, pois está socialmente convencido para que ao concluir o ensino médio, é necessário escolher uma profissão.

As características físicas da adolescência são praticamente universais, entretanto ela não é uma fase igualmente vivenciada por todos. Este período é complexo e exige uma compreensão holística e consonante com o período histórico e com a cultura da sociedade, pois só assim compreenderemos os conflitos e os comportamentos daquele que está vivendo o luto pelo corpo infantil e ingresso no mundo adulto. Erikson (1972) desenvolveu estudos sobre a formação da identidade, e definiu a crise normativa da adolescência como um período no qual o indivíduo busca a organização e a estruturação.

Outro autor ressalva sobre a importância de atentarmos para a complexidade deste período, o qual não se restringe à questões individuais.

Nas últimas décadas, contudo a adolescência vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até uma sociologia peculiar. (Osório, 1992, p. 10-11)

Rappaport, Fiori e Davis (1982, p. 12) abordam os aspectos culturais presentes na compreensão e manejo da adolescência.

Nos grupos tribais, ou historicamente diferenciados da cultura ocidental, não ocorre longo período que separa as actividades infantis da plena integração do sujeito ao grupo produtivo e reprodutor. A criança é tida como tal até que as maturações e alterações biológicas iniciem a puberdade e caracterizem sua passagem para o grupo adulto. Normalmente nestes grupos há um ritual de passagem, às vezes antecedido por um período de recolhimento, que caracterizará a entrada nas relações adultas.

Becker (1985) aponta sobre a importância dos aspectos históricos e sociais e, desenvolve a ideia de que na adolescência o indivíduo muda sua postura, ele deixa de obedecer e passa a questionar e reivindicar.

Lemos (2001, p. 26) acrescenta que os questionamentos vão além das relações familiares, “a crise adolescente é, portanto a expressão do questionamento da ordem social estabelecida, tornando-se um espaço de reflexão sobre os conflitos da cultura da qual faz parte.”

Compreendemos, portanto, que a adolescência, assim como qualquer outra fase do desenvolvimento humano, têm suas dinâmicas permeadas pelo meio. Compete a nós mantermo-nos actualizados para lidar com estas mudanças, pois caso contrário incorreremos em pré-conceitos e julgamentos erróneos.

Precisamos pensar, sob esta mesma óptica, a escolha profissional, pois se ela é realizada por um indivíduo social, ela não pode utilizar-se de técnicas e instrumentos que meçam apenas as habilidades individuais.

## **ESCOLHA PROFISSIONAL: UM PROBLEMA SOCIAL?**

Procuramos abordar a escolha profissional entre os adolescentes, sem desconsiderar o meio ao qual eles estão inseridos. Pensar em escolha profissional não se restringe ao indivíduo e aos seus aspectos psicológicos; o tema é complexo e exige uma compreensão holística tanto do sujeito que escolhe, quanto do contexto.

Bock (2002) dissemina a visão sócio-histórica da escolha profissional, de acordo com este autor, só é possível pensar em escolha de uma profissão se tivermos a compreensão de que o indivíduo constrói sua identidade e tece suas escolhas a partir do que ele internaliza da relação que estabelece com o meio.

Neiva (2007, p. 49) elenca os factores presentes na escolha profissional. De acordo com ela, “dois tipos de conhecimentos são importantes: o que se refere aos aspectos internos (quem

sou eu), e o que se refere aos aspectos externos a quem escolhe (como é a realidade educativa e socioprofissional)“.

Soares (2002) elenca e aprofunda seis factores que interferem na escolha profissional, tanto de jovens, quanto de adultos - factores familiares, psicológicos, sociais, económicos, políticos e educacionais.

Compartilhamos com ideia de Soares (2002), de que a escolha é multifactorial, e não há como dizer que um factor sobrepõem-se aos demais, entretanto, por uma questão de coerência, abarcaremos neste artigo apenas os factores socioeconómicos. Enfatizaremos, também, os aspectos educacionais, que têm permeado a escolha profissional dos sujeitos brasileiros, pois percebemos que a educação hoje, tem influência directa na colocação profissional.

Concordamos com Schwartz (2000, p. 14) quando ele refere-se sobre a importância da acessibilidade ao conhecimento –“(…) quanto melhores forem as condições de acesso ao conhecimento, mais gente terá acesso às oportunidades da nova economia do conhecimento, centrada na inovação, na expansão de redes e na ampliação da cidadania.”

A influência dos **factores sociais**, de acordo com Soares (2002), reflecte a realidade de uma sociedade dividida em classes, a qual gera oportunidades díspares para sujeitos oriundos de classe abastada e de classe social.

Para aqueles sujeitos de menor poder aquisitivo, por exemplo, o ensino superior pode representar a chave de acesso a um mercado de trabalho mais digno, de profissões mais valorizadas. Enquanto, para os indivíduos de classe abastada haveria a preocupação de manter o *status* da família, por isso muitos deles deixariam de escolher cursos considerados de menos *status* (licenciaturas e artes, por exemplo) para optar por profissões que manteriam o padrão familiar.

Os **factores económicos**, também conforme Soares (2002), estão atrelados ao sistema capitalista e ditam as regras do mercado de trabalho, que está cada vez mais competitivo e exigente. Hoje não basta ter um diploma de ensino superior, é necessária especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado, além disso, é preciso ter conhecimento de informática e de idiomas.

Para quem tem condições de custear estes estudos, não há problemas, mas e para aqueles que precisam trabalhar e estudar? E aqueles que conseguem frequentar uma faculdade, mas pagar por um curso de idiomas é uma missão quase que impossível? Como competir de forma igualitária?

**Sem verbas suficientes, volta a contradição: o indivíduo desempregado com pouca ou nenhuma poupança precisa gastar dinheiro (se tiver algum de sobra) para tentar se requalificar. E o que é pior: não basta o governo gastar em programas de requalificação se a política económica impede o crescimento da economia, bloqueia ou dificulta o desenvolvimento de tecnologia nacional e impede a criação de novos postos de trabalho. (Schwartz, 2000, p. 26)**

Os factores económicos estão muito mais presentes do que imaginamos na hora da escolha profissional, pois os jovens ao fazer suas escolhas têm utilizado como critério de decisão o mercado de trabalho, se uma profissão está gerando emprego hoje, automaticamente

o jovem inclina-se a ela. Neste momento faz-se necessário um trabalho mais crítico, que incentive o jovem a perceber que ele levará, no mínimo, cinco anos para ingressar no mercado de trabalho e que não há garantias de que até lá encontrará a mesma situação favorável. Chiappin (1974, p. 59) salienta que os meios económicos “ampliam as oportunidades e privilégios ou limitam e cerceiam as possibilidades de classes, níveis e grupos. É base da ascensão profissional ou bloqueio (...)”

Os **factores educacionais**, também de acordo com Soares (2002), fortemente atrelados aos factores citados acima, estão pontualmente ligados ao sistema de educação brasileiro, constituído de carências tanto físicas (instalações inadequadas, depredações, falta de recursos físicos essenciais) quanto pessoais (professores mal remunerados), com isso há uma gama de profissionais sendo lançado ao mercado, porém não preparados às exigências do mesmo.

Aprofundar-se-á o factor educação no intuito de demonstrar o quanto a disparidade económica gera oportunidades, também, díspares de acesso à educação. A falta de acesso à educação dificulta, consideravelmente, o ingresso no mercado de trabalho, fechando assim um ciclo vicioso: aqueles que não têm acesso à educação também não tem acesso ao mercado de trabalho.

De acordo com dados do IBGE (2003) quanto maior a renda, maior é a taxa de escolaridade. Dos 18 aos 24 anos, a taxa de escolarização daquele que menos recebe (26,6%) representa a metade do número daqueles que mais recebem (51,1%), levando-nos a pensar sobre a necessidade da criação de medidas, que diminuam este abismo, o qual está instituído e mantido ao longo dos séculos.

Andrade e Dachs (2007), a partir de uma análise de dados fornecidos por diferentes institutos de pesquisa, revelam o nível da disparidade no que se refere ao acesso à educação, principalmente, no nível de graduação, corroborando com o que a autora acima descreveu, pois apenas 13% dos jovens na faixa de idade entre 18 e 24 anos estão cursando ou já cursaram o nível superior.

Segundo Soares, “o ensino brasileiro caracteriza-se por uma pirâmide em cuja base localiza-se o ensino fundamental e, na parte superior, a universidade.” (2002, p. 59).

De acordo com Castro (2001, p. 14),

**o Brasil aparece com um dos mais altos índices de desigualdade do mundo, onde, ainda que os direitos políticos estejam assegurados, os direitos civis e sociais não estão garantidos para a maioria da população.**

De acordo com Barros e Lam (1993) estamos diante de um ciclo vicioso no qual os pais sem acesso à educação têm filhos, também, sem acesso à mesma. Noutras palavras, aquele que nasceu pobre tem mais probabilidade de manter-se pobre, pois apresenta grandes dificuldades de acesso à educação, saúde, transporte e até mesmo às condições mínimas de higiene.

Lane (1984) salienta que é necessário pensar a respeito destas incoerências, para que possamos partir para a acção. As pessoas precisam acordar do transe em que se encontram, é preciso ficar chocado com a realidade que se apresenta, para que num segundo momento a paralisia dê lugar à acção.

Ser capaz de pensar e elaborar sobre os mecanismos das desigualdades sociais e expressar opinião sobre suas consequências na vida social constitui uma oportunidade de agir *construtivamente*<sup>1</sup> em relação à ordem estabelecida, no sentido de vislumbrar outras possíveis alternativas a esta ordem. (Castro, 2001, p. 16)

O acesso ao ensino superior no Brasil, é feito via aprovação no Vestibular, o qual é constituído de uma maratona de provas de conhecimentos, que englobam todo o conteúdo estudado no ensino médio. Nesta corrida para ingresso ao ensino superior, os “melhores” são seleccionados e classificados, e de acordo com seu desempenho ele ingressa ou não no curso e instituição ao qual se candidatou.

Independente de ter cursado o ensino médio numa escola pública ou privada, todos os indivíduos, se quiserem ingressar no ensino superior, precisarão passar pelo Vestibular, a fim de que seus conhecimentos sejam medidos e com isso receberem o parecer de “apto” ou “não apto” para dar o próximo passo. “Em geral, os barrados pelo Vestibular são também os que apresentam as maiores dificuldades de preparação para ele”. (Soares, 2002, p. 71)

Pinho (2001) refere-se ao Vestibular como um processo igual para todos e ao mesmo tempo desigual. É igual porque as provas são as mesmas para todos os candidatos, porém, a desigualdade reflecte-se na preparação e no nível de exigência que alguns cursos possuem em relação aos outros, ou pelo fato da Universidade ser Pública ou Privada.

Todo ano o vestibular faz milhares de vítimas, principalmente, em instituições públicas de ensino superior, as quais oferecem um número reduzido de vagas e contam com um número cada vez maior de candidatos (ver tabela 1). Em média, nas principais instituições públicas, noventa por cento dos inscritos no vestibular ficam excluídos dos bancos universitários, ou recorrem às instituições privadas.

**Tabela 1.** Relação<sup>2</sup> de oferta e procura de vagas nas principais instituições públicas e gratuitas do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil e do maior concurso do Brasil realizado pela FUVEST.

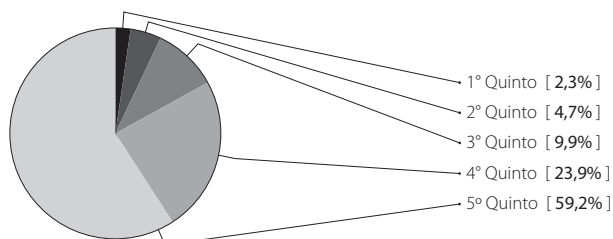
|                  | UFMS<br>2007 | UFRGS<br>2007 | UFPEL<br>2006 | FURG<br>2007 | FUVEST<br>2008 |
|------------------|--------------|---------------|---------------|--------------|----------------|
| Candidatos       | 20.747       | 37.845        | 13.404        | 10.854       | 142.656        |
| Vagas oferecidas | 1.983        | 4.212         | 1.473         | 1.352        | 10.552         |
| Excluídos        | 18.764 (91%) | 33.633 (89%)  | 11.931 (89%)  | 9.502 (88%)  | 132.104 (93%)  |

Abordamos essa questão do vestibular porque ele está atrelado à escolha por um curso universitário, afinal a concorrência, a oferta de vagas reduzidas e os turnos nos quais os cursos são oferecidos, são factores levados em conta na hora de optar ou não por um curso.

**1** Grifo da autora

**2** A relação ilustrada na Tabela 1 foi construída a partir de pesquisa nos sites das instituições: Universidade Federal de Santa Maria (UFMS, 2007); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2007); Universidade Federal de Pelotas (UFPEL, 2007); Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG, 2007) e Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST, 2007)

Gostaríamos de ressaltar o quanto a renda está intimamente ligada ao acesso ou não ao ensino superior verificamos que a disparidade é ainda maior. No Gráfico 2 temos uma noção do quão excludente é nosso sistema educacional, pois o ensino público superior é composto por 59,2% de estudantes com maior renda, enquanto aqueles que têm a menor renda, representam apenas 2,3% dos estudantes universitários.



**Gráfico 1.** Distribuição dos estudantes do ensino superior frequentadores da rede pública de ensino e quintos de rendimento familiar *per capita* – Brasil, 2002

Os dados acima reforçam a ideia de que a educação tem servido à classe dominante. De acordo com Bourdieu (1974) o sistema de ensino mascara-se como neutro, mas contribui para as disparidades e segregações sociais.

Outro dado que corrobora com tal situação, é a distribuição de cursos universitários por turnos, nas instituições públicas brasileiras. A maior diversidade de cursos são oferecidas durante o diurno, reduzindo ainda mais as alternativas de escolhas dos sujeitos oriundos de classe popular, pois eles precisam trabalhar durante o dia, restando-lhes as opções disponíveis à noite.

A tabela abaixo, reflete a realidade das instituições localizadas no Sul do país, comprovando a “predestinação” da classe popular aos cursos voltados às licenciaturas, os quais compreendem profissões com baixa demanda de profissionais e ainda com baixa remuneração.

**Tabela 2.** Cursos oferecidos nas principais instituições públicas de ensino superior do Rio Grande do Sul/2006<sup>3</sup>

| Instituição      | Total de cursos | Cursos Nocturnos |
|------------------|-----------------|------------------|
| FURG             | 32              | 4                |
| UFRGS            | 65              | 12               |
| UFSM             | 59              | 9                |
| UFPEL            | 49              | 13               |
| UERGS            | 9               | 6                |
| UNIPAMPA – UFPEL | 14              | 7                |
| UNIPAMPA – UFSM  | 13              | 0                |

<sup>3</sup> A tabela foi criada a partir da pesquisa da autora aos sites das referidas instituições.

Soares (2002) salienta que a expansão de cursos nocturnos seria um primeiro passo para ofertar possibilidades aqueles que precisam trabalhar para prover o sustento pessoal e/ou familiar, porém existem outros factores que precisam ser reconsiderados, como o tempo das aulas, que além de elevado, são oscilantes – num semestre as aulas são à noite, noutra durante o dia.

“Essa necessidade de trabalhar para sobreviver dificulta a formação profissional do jovem. A estrutura da universidade também não colabora para resolver essa situação (...)” (Soares, 2002, p. 49)

Diante de todos esses factores, encontramos o indivíduo que está diante da escolha, procurando aliar desejo com oportunidade, para muitos é uma questão de tempo e preparo nos melhores cursinhos, enquanto para outros é um sonho distante, pois as instituições de ensino que poderiam colaborar para mudar esse quadro, ainda não se sensibilizaram com a situação. A oferta de cursos nocturnos atractivos e condizentes com as necessidades do mercado de trabalho, por exemplo, seria uma possibilidade para aquele que precisa trabalhar para prover o seu sustento e o de sua família.

Concordamos com Durkheim (2001) ao afirmar que a educação é fundamental para a construção do social, mas também acrescentamos que cada um de nós é um agente de transformação social, e se tivermos consciência disso poderemos em conjunto, aproveitar melhor o que nos é oferecido, e buscarmos aquilo que ainda nos falta.

## CONCLUSÃO

Ao discorrermos a respeito da adolescência, percebemos que esta sofrera alterações com o passar dos anos. A adolescência sequer existia, da forma como a conhecemos hoje, até o período industrial. Antes, o indivíduo deixava de ser criança para tornar-se adulto e com isso adquiria mais responsabilidades.

O mesmo ocorreu com a escolha profissional e consequentemente com a orientação profissional. O período industrial foi o divisor de águas, até ele os sujeitos recebiam dos pais as profissões que exerceriam, não havia dúvidas, porque o caminho estava trilhado. Após este período e com a disseminação dos testes psicotécnicos, passou-se a colocar o homem certo no lugar certo. Bohoslavsky (2007) chamou de psicologia actuarial a ciência que promovia trabalhos voltados a Orientação Profissional, baseado apenas na aplicação de testes.

Actualmente, como foi possível perceber, nesta humilde revisão de literatura, existem pesquisadores preocupados com o processo de escolha profissional. Compreendemos, portanto, que esta escolha é muito mais do que um momento na vida do sujeito, por isso os testes vocacionais, hoje já não dão mais conta, sozinhos, deste processo complexo. Não é mais possível, medir num dado momento, se aquela pessoa tem vocação para médico ou para professor, sem considerar seu trajecto, suas limitações, suas potencialidades, suas possibilidades de acesso à educação básica, dentre outros fatores.

A escolha profissional, já não pode mais ser compreendida, como um fato isolado no tempo, no espaço e pertencente apenas ao indivíduo que escolhe. Como citamos anteriormente, são vários os factores que interferem na decisão. Se o factor económico, social e educacio-

nal, dentre outros, influi na escolha, é necessário que tenhamos consciência da acção deles, para que possamos auxiliar os adolescentes nesta tarefa.

Esta pesquisa não tem a intenção de generalizar conclusões a respeito da determinação do meio sobre os indivíduos, porém pretendemos sim reafirmar que tanto os processos de orientação profissional, quanto às políticas de governo (brasileiro) precisam ser repensados.

A sociedade, as instituições de ensino e governo poderão contribuir para que os adolescentes façam suas escolhas, e deixem de ser escolhidos, pelas circunstâncias, se propiciarem espaço para debater, para promover o conhecimento e derrubar pré(conceitos) a respeito das profissões, e ao mesmo tempo solicitar aumento do número de vagas nas universidades públicas no turno da noite, repensar a forma de acesso ao ensino superior (Vestibular).

Nossa intenção foi a de contribuir para que reflectíssemos a respeito da importância de um trabalho voltado à orientação profissional, ao mesmo tempo em que ratifica, o que outros pesquisadores já afirmaram sobre a necessidade de adequar os métodos conforme a situação socioeconómica dos indivíduos.

Entendemos a partir desta pesquisa, que a situação socioeconómica do indivíduo tem grande influência sobre suas possibilidades de acesso ao conhecimento, tanto básico, quanto superior. Se a comunidade, os cientistas sociais e o governo deixar de lado esta realidade, terão cada vez mais um contingente de pessoas exercendo actividades de forma automatizada, sem desejo, sem satisfação e sem sentido, apenas esperando a aposentadoria chegar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C. Y. de & Dachs, J. N. W. (2007). Acesso à educação por faixas etárias segundo renda e raça/cor. *Cadernos de Pesquisa*, 37, (131), 399-422.
- BARROS, R. & Lam, D. (1993). Income Inequality, Inequality in Education, and childrens schooling attainment in Brazil. [Em linha]. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/default.jsp>. [Consultado em 20/10/2007].
- BECKER, D. (1985). *O que é adolescência*. São Paulo: Brasiliense
- BOCK, S. D. (2002). *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez.
- BOHOSLAVSKY, R. (2007). *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes.
- BOURDIEU, P. (1974). Reprodução cultural e reprodução social. In: Miceli, S. (org.). *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, pp. 295-336.
- CASTRO, L.R. de. (2001). Todos são iguais, mas uns são mais iguais do que os outros: a construção da desigualdade social por jovens e crianças. *Revista Psicologia Clínica*, 12, (2), 13-29.
- CHIAPPIN, A. (1974). *Realização humana emocional e profissional*. Porto Alegre: Sulina.
- DURKHEIM, Émile (2001). *Educação e sociologia*. Trad. Nuno Garcia Lopes. Lisboa. Edições 70.
- ERIKSON, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar
- Fundação Universidade Federal do Rio Grande. [Em linha]. Disponível em <http://www.coperve.furg.br>. [Consultado em 20/10/2007].
- Fundação Universitária para o Vestibular. [Em linha]. Disponível em <http://www.fuvest.br>. [Consultado em 10/01/2008].
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Em linha]. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2003/indic\\_sociais2003.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2003/indic_sociais2003.pdf). [Consultado 20/10/2007].

- LANE, S.T.M. (1994). Consciência/alienação: a ideologia no nível individual. In: S.T.M.Lane & W.Codo (orgs.). (13ªed) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 40-47.
- LEMOS, C. G. de. (2001). *Adolescência, identidade e escolha da profissão no mundo do trabalho actual*. São Paulo: Vetor.
- NEIVA, K. M. C. (2007). *Processo de escolha e orientação profissional*. São Paulo: Vetor.
- OSÓRIO, L.C. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- PINHO, A. G. de. (2001). Reflexões sobre o papel do concurso vestibular para as universidades públicas. *Estudos Avançados*, 15, 42. [Em linha]. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010340142001000200019&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142001000200019&lng=pt&nrm=iso). [Consultado em 11/10/2005].
- RAPPAPORT, C.R., Fiori, W.R. & Davis, C. (1982). *Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência*. São Paulo: EPU.
- SCHWARTZ, G. (2000). *As profissões do futuro*. São Paulo: Publifolha.
- SOARES, D.H.P. (2002). *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.
- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. [Em linha]. Disponível em [www.uergs.rs.gov.br](http://www.uergs.rs.gov.br). [Consultado em 20/10/2007].
- Universidade Federal do Pampa/Universidade Federal de Pelotas. [Em linha]. Disponível em [www.ufpel.edu.br/unipampa](http://www.ufpel.edu.br/unipampa). [Consultado em 20/10/2007].
- Universidade Federal do Pampa/Universidade Federal de Santa Maria. [Em linha]. Disponível em [www.coperves.ufsm.br/unipampa/novo/](http://www.coperves.ufsm.br/unipampa/novo/). [Consultado em 20/10/2007].
- Universidade Federal de Pelotas. [Em linha]. Disponível em <http://vestibular.ufpel.edu.br/listoes.php>. [Consultado em 20/10/2007].
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [Em linha]. Disponível em <http://www.ufrgs.br/coperse/cv2007/densidade2007.htm>. [Consultado em 20/10/2007].
- Universidade Federal de Santa Maria. [Em linha]. Disponível em [http://w3.ufsm.br/coperves/not.php?id\\_noticia=113](http://w3.ufsm.br/coperves/not.php?id_noticia=113). [Consultado em 20/10/2007].